



CONSTRUÇÃO E ESTUDO DE EVIDÊNCIAS DE VALIDADE E FIDEDIGNIDADE
DA ESCALA DE FUNCIONAMENTO ADAPTATIVO PARA DEFICIÊNCIA
INTELECTUAL (EFA-DI)

Thais Selau

Dissertação de Mestrado

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Porto Alegre/RS
Março de 2020

CONSTRUÇÃO E ESTUDO DE EVIDÊNCIAS DE VALIDADE E FIDEDIGNIDADE
DA ESCALA DE FUNCIONAMENTO ADAPTATIVO PARA DEFICIÊNCIA
INTELECTUAL (EFA-DI)

Thais Selau

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Psicologia sob orientação da Prof^a Dr^a Denise Ruschel Bandeira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Porto Alegre/RS
Março de 2020

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, por me ensinarem o valor dos estudos e me apoiarem em minhas decisões.

À Denise, minha orientadora, por acreditar na minha capacidade e pela competência e disponibilidade em cada etapa do mestrado. Sempre pude contar com teu amparo, Denise. Obrigada pela inspiração de como uma orientada deve ser.

À Mônia, pela ajuda e dedicação com a EFA-DI. Aprendo muito trabalhando contigo, Mônia. Espero que nossa parceria continue por muito tempo.

À Denise Yates e ao CAP, por todo aprendizado sobre avaliação psicológica e pela ajuda nas coletas de dados.

Às ICs Julia e Monique, pelo auxílio na coleta e transcrição dos dados.

Ao GEAPAP, por me acolher como parte do grupo.

Aos meus colegas de mestrado, por dividirem essa caminhada comigo, em bons e difíceis momentos. Em especial à Maíra, à Roberta e à Ana Paula, pela amizade construída, parceria e apoio.

Aos professores do PPG-Psicologia UFRGS que contribuíram com tantos conhecimentos.

À professora Clarissa Trentini, pelo excelente trabalho de relatoria.

Às professoras Regina Basso Zanon e Denise Yates pelas valiosas contribuições ao projeto.

Gostaria de agradecer a todos os participantes da pesquisa, que contribuíram para a realização deste trabalho e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos para o desenvolvimento deste trabalho.

Sumário

Apresentação	9
Artigo 1	12
Construção e evidências de validade de conteúdo da Escala de Funcionamento Adaptativo para Deficiência Intelectual (EFA-DI)	12
Resumo	12
Abstract	13
Resumen	14
Introdução	15
Método	20
<i>Fundamentação teórica</i>	20
<i>Construção da versão preliminar</i>	21
<i>Análise de juízes</i>	21
<i>Análise semântica dos itens</i>	22
<i>Estudo piloto</i>	23
<i>Procedimentos éticos</i>	23
Resultados	23
<i>Fundamentação teórica</i>	23
<i>Construção da versão preliminar</i>	24
<i>Análise de juízes</i>	25
<i>Análise semântica dos itens</i>	26
<i>Estudo piloto</i>	26
Discussão	27
Artigo 2	32
Evidências de validade relacionadas à estrutura interna e variáveis critério e fidedignidade da Escala de Funcionamento Adaptativo para Deficiência Intelectual EFA-DI	32
Resumo	32
Abstract	33
Introdução	34
Método	37
<i>Participantes</i>	37
<i>Instrumentos</i>	39

<i>Procedimentos de coleta</i>	40
<i>Procedimentos éticos</i>	40
<i>Análise de dados</i>	41
Resultados	43
Discussão	52
Considerações finais da dissertação	56
Referências	57
ANEXOS	62
ANEXO A: Parecer substancial do Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS ...	62
ANEXO B: Termo de Consentimento Juízes	65
ANEXO C: Termo de Consentimento Grupo Focal	67
ANEXO D: Termo de Consentimento Estudo Piloto	69
ANEXO E: Termo de Consentimento Estudo de evidências de validade e fidedignidade	71
ANEXO F: Questionário sociodemográfico e de características clínicas	73
ANEXO G: EFA – DI	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição de acordo com o diagnóstico prévio na amostra clínica	44
Tabela 2 – Variáveis desenvolvimentais da amostra	45
Tabela 3 – Características descritivas dos respondentes da EFA-DI	46
Tabela 4 – Índices de ajuste análise fatorial confirmatória e consistência interna após modificações	50
Tabela 5 – Parâmetros da Análise Fatorial Confirmatória e análise por Teoria da Resposta ao Item	51
Tabela 6 – Itens do domínio Social ordenados por nível de dificuldade	55
Tabela 7 – Itens do domínio Prático ordenados por nível de dificuldade.....	56
Tabela 8 – Itens do domínio Conceitual ordenados por nível de dificuldade	57
Tabela 9 – Análises post hoc da análise de covariância	58

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo confirmatório considerando um fator geral de Funcionamento Adaptativo	53
Figura 2 – Mapa item-pessoa da EFA-DI	54
Figura 3 – Mapa item-pessoa dos domínios Social, Prático e Conceitual da EFA-DI ...	55

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AAIDD – American Association on Intellectual and Development Disabilities.

AERA - American Educational Research Association

APA – American Psychological Association

CID – Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde

DI – Deficiência Intelectual

DSM – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

EFA-DI – Escala de Funcionamento Adaptativo para Deficiência Intelectual

FA – Funcionamento Adaptativo

GEAPAP - Grupo de Estudo, Aplicação e Pesquisa em Avaliação Psicológica

NCME – National Council on Measurement in Education

TCT – Teoria Clássica dos Testes

TRI - Teoria de Resposta ao Item

Apresentação

A deficiência intelectual (DI) é caracterizada por déficits em capacidades mentais genéricas, como raciocínio, solução de problemas, planejamento, pensamento abstrato, juízo, aprendizagem acadêmica e aprendizagem pela experiência. Os déficits resultam em prejuízos no funcionamento adaptativo, de modo que o indivíduo apresenta dificuldades em atingir padrões de independência pessoal e responsabilidade social em um ou mais aspectos da vida diária, incluindo comunicação, participação social, funcionamento acadêmico ou profissional e independência pessoal em casa ou na comunidade. A presença de tais déficits são reconhecidos durante a infância ou adolescência (American Psychiatric Association - APA, 2014; American Association on Intellectual and Development Disabilities - AAIDD, 2012).

A DI é uma condição heterogênea, com curso variado, múltiplas manifestações e múltiplas causas, incluindo genética, orgânica, social, ambiental ou possivelmente uma interação de uma ou mais delas (APA, 2013; Schalock et al., 2010, 2012; Tassé, 2013, OMS, 2018). É uma condição extremamente estigmatizante, que causa grande impacto na funcionalidade do indivíduo ao longo da vida (Maulik et al., 2011; Salvador-Carulla et al., 2011; Tassé, 2013). Muitas vezes, é diagnosticada erroneamente e relacionada ao acesso precário aos serviços de saúde (Salvador-Carulla et al., 2011, OMS, 2007).

Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais DSM-5, o diagnóstico de DI deve ser feito a partir dos critérios: (a) déficits em funções intelectuais; (b) déficits em funções adaptativas; e (c) início durante o período do desenvolvimento (APA, 2014). Para a avaliação das funções intelectuais, a literatura indica testes de inteligência administrados individualmente com evidências de validade psicométrica e adequados à cultura (APA, 2014; AAIDD, 2012). Escores abaixo de dois desvio-padrão da média populacional indicam déficits no funcionamento intelectual e podem sugerir deficiência intelectual (APA, 2014).

No Brasil, atualmente, há 31 testes de inteligência com parecer favorável no Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos do Conselho Federal de Psicologia (SATEPSI) e, assim, passíveis de serem utilizados por psicólogos na avaliação das funções intelectuais. Dentre eles, destacam-se as escalas Wechsler como mais conhecidas e amplamente utilizadas, consideradas “padrão ouro” na avaliação da inteligência (do Nascimento, de Figueiredo & Araujo, 2018).

Na sua última e quinta edição, o DMS-5 (APA, 2014) destaca o funcionamento adaptativo como indispensável para o diagnóstico e responsável pela definição da gravidade da deficiência intelectual (nos níveis leve, moderado, grave ou profundo) (APA, 2014). O funcionamento adaptativo representa o "conjunto de habilidades conceituais, sociais e práticas que foram aprendidas e executadas pelas pessoas em suas vidas diárias" (Schalock et al., 2010, p.509). Essas são tarefas que o indivíduo realiza rotineiramente no seu dia-a-dia, sem avisos, suportes ou lembretes (Saulnier, & Klaiman, 2018). Assim, quanto maior o nível de suporte necessário, maior o nível de gravidade da DI, diferentes das versões anteriores, nas quais a definição da gravidade da deficiência tinha por base os valores de quociente intelectual (QI).

Para avaliação do funcionamento adaptativo (FA) é indicado o uso de medidas individualizadas, culturalmente adaptadas e psicometricamente adequadas, além de observação comportamental direta e entrevista individual (AAIDD, 2012; APA, 2014).

Em termos internacionais, existem diversos instrumentos que avaliam o funcionamento adaptativo, como o *Vineland Adaptive Behavior Scales – VABS* (Sparrow, Cicchetti, & Saulnier, 2009) e o *Adaptive Behavior System – ABAS* (Harrison & Oakland, 2015). No entanto, nenhum instrumentos possui normas para a população brasileira. Observa-se uma carências de instrumentos padronizados e psicometricamente adequados para a avaliação do funcionamento adaptativo no contexto brasileiro (Ferreira & Munster, 2015).

Para além do diagnóstico, a avaliação dos domínios do FA que se encontram mais afetados ou mais preservados em indivíduos com DI é essencial no planejamento de intervenções, acompanhamento de evolução clínica e avaliação do perfil de apoio necessário para o processo de inclusão (AAIDD, 2012; Tassé et al., 2012). Esse levantamento também é imprescindível na detecção dos níveis de suporte necessários ao paciente (AAIDD, 2012; APA, 2014).

Tendo em vista a carência de instrumentos e a importância da avaliação do funcionamento adaptativo, este trabalho pretende contribuir com a área, por meio da construção e investigação de evidências de validade e fidedignidade da Escala de Funcionamento Adaptativo para Deficiência Intelectual EFA-DI para crianças e adolescentes entre 7 e 15 anos. A escolha da faixa etária ocorreu em virtude da maior necessidade de instrumentos de avaliação de comportamento adaptativo para crianças e adolescentes em idade escolar, quando a maioria dos diagnósticos de deficiência intelectual são realizados.

A dissertação divide-se em dois artigos. Artigo 1 intitulado “Construção e evidências de validade de conteúdo da Escala de Funcionamento Adaptativo para Deficiência Intelectual (EFA-DI)” e artigo 2, “Evidências de validade relacionadas à estrutura interna e variáveis critério e fidedignidade da Escala de Funcionamento Adaptativo para Deficiência Intelectual EFA-DI”.

O artigo 1, aceito para publicação na Revista Avaliação Psicológica, com previsão para sair no vol. 19, nº 3, apresenta o processo de construção e evidências de validade de conteúdo da EFA-DI. O método e resultados são divididos conforme as cinco etapas do processo: fundamentação teórica; estabelecimento das dimensões e construção dos itens da versão preliminar; análise dos itens por quatro juízes especialistas; análise semântica dos itens pela população-alvo; e estudo piloto. Em sua versão final, 52 itens integram a EFA-DI.

O artigo 2 busca investigar evidências de validade relacionadas à estrutura interna e variáveis critério e fidedignidade da EFA-DI. Os resultados indicaram que a EFA-DI possui alta consistência interna e várias evidências de validade que apoiam seu uso e propósitos. Estudos futuros serão realizados para o desenvolvimento de normas da EFA-DI. Esse estudo pretende contribuir com a área de avaliação psicológica no Brasil.

Considerações finais da dissertação

O trabalho desenvolvido nessa dissertação possibilitou a construção de um instrumento originalmente brasileiro para a avaliação de crianças. A Escala de Funcionamento Adaptativo para Deficiência Intelectual EFA-DI foi criada com o rigor sugerido pela literatura e as análises de validade e fidedignidade fornecem evidências da qualidade do processo.

A qualidade do produto se deve a um processo exaustivo de construção da medida. Destaca-se a importância dos procedimentos que visaram garantir a validade de conteúdo. Cada etapa de construção, conforme exposto no artigo 1, possibilitou o aprimoramento da escala.

As análises do artigo 2 fornecem indicadores empíricos de que a EFA-DI apresenta evidências satisfatórias de validade relacionadas a estrutura interna e a variáveis critério. Ou seja, o instrumento tem capacidade de mensurar o Funcionamento Adaptativo e indicar prejuízo. Tais evidências atestam o potencial do instrumento em auxiliar no diagnóstico de Deficiência Intelectual.

Ressalta-se que esse é o início do trabalho com a EFA-DI. Estudos com uma amostra maior e mais heterogênea se fazem necessários para o desenvolvimento de normas de interpretação. Espera-se que o principal produto dessa dissertação possa ser uma contribuição à área de avaliação psicológica e auxilie no diagnóstico de Deficiência Intelectual.

Referências

- AAIDD User's Guide Work Group. (2012). *User's guide to accompany the 11th Edition of Intellectual Disability: Definition, classification, and systems of supports*. Washington: American Association on Intellectual and Development Disabilities.
- Aguiar, A. A. R. (2003). *Análise das habilidades comunicativas de adultos portadores de retardo mental*. (Dissertação de mestrado em Educação do Indivíduo Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos).
- American Psychiatric Association [APA]. (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-5)*. Porto Alegre: Artmed.
- American Psychological Association, American Educational Research Association, & National Council on Measurement in Education [APA, AERA & NCME]. (2014). *Standards for educational and psychological testing*. Washington: American Educational Research Association.
- Andrich, D. (1978). A rating formulation for ordered response categories. *Psychometrika*, 43(4), 561–573. <https://doi.org/10.1007/BF02293814>
- Bond, T. G., & Fox, C. M. (2015). *Applying the Rasch Model: Fundamental measurement in the human sciences* (3rd. ed.). New York, NY: Routledge.
- Brown, I. (2007). What is mean by intellectual and developmental disabilities?. Em I. Brown & M. Percy (Eds.), *A comprehensive guide to intellectual and developmental disabilities* (pp. 3–15). Baltimore, MD: Brookes
- Brue, A., W. & Wilmsurst, L. (2016). *Essentials of intelectual disability assessment and identification*. NewJersey: JohnWiley & Sons, Inc.
- Creswell, J. W. (2010). Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto. In *Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto*.
- DeVellis, R. F. (2016). *Scale development: Theory and applications* (4nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

- Dunn, T. J., Baguley, T., & Brunsden, V. (2014). From alpha to omega: A practical solution to the pervasive problem of internal consistency estimation. *British Journal of Psychology*, 105(3), 399–412. <https://doi.org/10.1111/bjop.12046>
- Ferreira, E. F., & Van Munster, M. D. A. (2015). Métodos de avaliação do comportamento adaptativo em pessoas com deficiência intelectual: uma revisão de literatura. *Revista Educação Especial*, 1(1), 193-208.
- Field, A. (2009). *Descobrendo a Estatística Utilizando o Spss*. Porto Alegre: Artmed Bookman.
- Flora, D. B., & Curran, P. J. (2004). An empirical evaluation of alternative methods of estimation for confirmatory factor analysis with ordinal data. *Psychological Methods*, 9(4), 466–491. <https://doi.org/10.1037/1082-989X.9.4.466.An>
- Hambleton, R. K., Merenda, P. F., & Spielberger, C. D. (2005). *Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Harrison, P., & Oakland, T. (2003). *Adaptive Behavior Assessment System* (2nd ed.). San Antonio, TX: Psychological Corporation.
- Hernández-Nieto, R. A. (2002). *Contributions to Statistical Analysis*. Mérida: Universidad de Los Andes.
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 6(1), 1–55. <https://doi.org/10.1080/10705519909540118>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2015). *Pesquisa nacional de saúde 2013: ciclos de vida: Brasil e grandes regiões*. Disponível em [file:///C:/Users/Admin/Downloads/liv94522%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Admin/Downloads/liv94522%20(1).pdf)
- Kapuscinski, A. N., & Masters, K. S. (2010). The current status of measures of spirituality: a critical review of scale development. *Psychology of Religion and Spirituality*, 2(4), 191–205. doi: 10.1037/a0020498

- Ladhari, R. (2010). Developing e-service quality scales: a literature review. *Journal of Retailing and Consumer Services*, 17, 464-477.
- Linacre, J. M. (2002). What do Infit and Outfit, Mean-square and Standardized mean? *Rasch Measurement Transactions*, 16(2), 878.
- Linacre, J. M., & Wright. (1994). (Dichotomous Mean-square) Chi-square fit statistics. *Rasch Measurement Transactions* 1, 8(2). <http://www.rasch.org/rmt/rmt82a.htm>
- Matson, J. L., Carlisle, C. B., & Bamburg, J. W. (1998). The convergent validity of the Matson Evaluation of Social Skills for Individuals with Severe Retardation (MESSIER). *Research in Developmental Disabilities*, 19, 493–500.
- Morgado, F., Meireles, J., Neves, C., Amaral, A., & Ferreira, M. (2017). Scale development: ten main limitations and recommendations to improve future research practices. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 30(1), 1-20. 10.1186/s41155-016-0057-1
- Nascimento, E. (2005). WAIS-III: Escala de Inteligência Wechsler para Adultos – manual técnico. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nascimento, E., de Figueiredo, V. L. M., Araujo, J. M. G. (2018). Escala wechsler de inteligência para crianças (WISC IV) e Escala wechsler de inteligencia para adultso (WAIS). In *Avaliação psicológica da inteligencia e da personalidade*. Porto Alegre: Artmed.
- Olsson, U. (1979). Maximum likelihood estimation of the polychoric correlation coefficient. *Psychometrika*, 44(4), 117–132. <https://doi.org/10.1007/bfb0067701>
- Organização Mundial da Saúde. (1994). *CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*.
- Organização Mundial da Saúde. (2007). *CIF: classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde – versão infantil*.
- Organização Mundial da Saúde. (2018). *CID-11: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*.

- Pasquali, L. (2010). Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas. *Porto Alegre: Artmed.*
- Pletsch, M. D., & de Paiva, C. (2018). Por que as escolas continuam “laudando” alunos com deficiência intelectual?. *Revista Educação Especial, 31(63), 1039-1079.*
- Rasch, G. (1960). *Probabilistic models for some intelligence and attainment tests.* Copenhagen: Danmarks Paedagogiske Institut.
- Reynolds, C. R. (2004). *Behavior assessment system for children.* John Wiley & Sons, Inc.
- Rueda, F. J. M., dos Santos, A. A. A., & Noronha, A. P. P. (2016). Evidencia de validez de constructo para el WISC-IV con muestra brasileña. *Universitas Psychologica, 15(4).*
- Silva, M. A. (2017). *Construção e estudo de evidências de validade e fidedignidade do Inventário Dimensional de Avaliação do Desenvolvimento Infantil* (Tese de doutorado). Acessado no Sabi – catálogo online UFRGS.
- Schalock, R. L. (1999). The merging of adaptive behavior and intelligence: implications for the field of mental retardation. Em R. Schalock, & D. Braddock (Eds). *Adaptive Behavior and its Measurement: Implications for the field of mental retardation.* AAMR, EUA, p. 43-59, 1999.
- Schalock, R.L. (2010). *Intellectual disability: definition, classification, and systems of supports.* Washington: American Association on Intellectual and Developmental Disabilities.
- Schalock R. L., Luckasson, R., & Shogren, K. A. (2007). The renaming of mental retardation: Understanding the change to the term intellectual disability. *Intellectual and Developmental Disabilities, 45,* 116–124.
- Silva, M. A., Mendonça-Filho, E. J., & Bandeira, D. R. (no prelo). Construção do Inventário Dimensional de Avaliação do Desenvolvimento Infantil (IDADI).

- Sparrow, S. S., Cicchetti, D. V., & Saulnier, C. A. (2009). *Vineland Adaptive Behavior Scales Third Edition (Vineland-3)*. San Antonio, TX: Pearson.
- Spreat, S. (2017). Is Adaptive Behaviour too Normal to be Normally Distributed?. *Disability, CBR & Inclusive Development*, 28(3), 71-79.
- Tassé, M. J., Schalock, R. L., Balboni, G., Bersani Jr, H., Borthwick-Duffy, S. A., Spreat, S., & Zhang, D. (2012). The construct of adaptive behavior: Its conceptualization, measurement, and use in the field of intellectual disability. *American Journal on Intellectual and Developmental Disabilities*, 117(4), 291-303.
- Tasse, M.J., Schalock, R. L., Thissen, D. Balboni,G., Bersani, H., Borthwick-Duffy, S.A., Spreat, S., Widaman,K.F., Zhang, D. & Navas, P. (2016). Development and standardization of the Diagnostic Adaptive Behavior Scale: Application of Item Response Theory to the assessment of adaptive behavior. *American Journal on Intellectual and Developmental Disabilities*: March 2016, Vol. 121, No. 2, pp. 79-94.
- Varni, J. W. (1998). Pediatric Quality of Life Inventory (Peds QL). Version 4.0.
- Wang, Y.C., Byers, K.L., & Velozo, C.A. (2008). Rasch analysis of Minimum Data Set mandated in skilled nursing facilities. *Journal of Rehabilitation Research & Development*, 45(9), 1385-1399.
- Wechsler, D. (2013). Escala Wechsler de inteligência para crianças: WISC-IV. *Manual Técnico. Tradução do manual original Maria de Lourdes Duprat.(4. ed.)*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Yates, D. B., Trentini, C. M., Delphino Tosi, S., Kessler Corrêa, S., Poggere, L. C., & Valli, F. (2006). Apresentação da escala de inteligência Wechsler abreviada (WASI). *Avaliação Psicológica*, 5(2).